

O OBSERVADOR NO ESCRITÓRIO

COLEÇÃO CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE
CONSELHO EDITORIAL

Antonio Carlos Secchin

Davi Arrigucci Jr.

Eucanaã Ferraz

Samuel Titan Jr.

**CARLOS DRUMMOND
DE ANDRADE**
O OBSERVADOR NO ESCRITÓRIO

POSFÁCIO

Humberto Werneck

Carlos Drummond de Andrade © Graña Drummond
www.carlosdrummond.com.br

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.

CAPA

Raul Loureiro
Sobre foto de Nelson di Rago/
Abril Comunicações S.A.

IMAGEM DA P. I

Acervo Pedro Drummond

PREPARAÇÃO

Silvia Massimini Felix

ÍNDICE ONOMÁSTICO

Luciano Marchiori

REVISÃO

Marina Nogueira
Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987.

O observador no escritório / Carlos Drummond
de Andrade ; posfácio Humberto Werneck — 1ª ed. —
São Paulo : Companhia das Letras, 2020.

ISBN 978-85-359-3378-9

1. Andrade, Carlos Drummond de, 1902-1987 — Diários

2. Literatura brasileira I. Título II. Série.

20-40719

CDD-869.8

Índice para catálogo sistemático:

1. Diários: Literatura brasileira 869.8

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2020]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Sumário

15	1943
19	1944
21	O poema longo
27	1945
30	Morte de Mário de Andrade
35	A família Portinari
37	Poema da anistia
41	Fala de Luís Carlos Prestes
51	Vinicius interroga os espíritos
52	Um canário morto
54	Novo encontro com Prestes
61	Deposição de Getúlio
62	Adeus à <i>Tribuna Popular</i>
66	O DNI e seus problemas
69	1946
74	O Brasil em um dia
81	1947
82	A paisagem revista
85	Voltar para Minas
91	Congresso de escritores
92	Ao Pinguim!
99	1948
103	Lembranças de Órris Soares
105	1950
105	Cartas maternas
108	Reações de Olavo Bilac

- 111 J. Carlos
112 A eleição perdida
113 Balanço de uma campanha
114 Folclore getuliano
- 117 1951
117 Manuel Bandeira enfermo
- 119 1952
- 121 1953
121 Morre Américo Facó
124 Getúlio na José Olympio
- 127 1954
127 Com Adolfo Casais Monteiro
- 131 1955
- 133 1956
- 135 1957
- 137 1958
- 139 1959
140 O jazigo de Machado de Assis
- 143 1960
144 O sacrifício de Max Grossmann
147 Fim da *Careta*
- 149 1961
151 Conselho Nacional de Cultura
153 Garrincha, o gato
157 A mineiridade dos Profetas

- 159 1962
161 Paulo Gomide
165 Francisco Campos, o político
- 167 1963
169 Ribeiro Couto
- 171 1964
172 Queda de Jango
174 Álvaro Moreyra
175 Cecília Meireles
- 177 1965
178 Bandeira e Schmidt
179 Mário Barreto
- 181 1966
- 183 1967
- 185 1968
188 Todas as mulheres do mundo
- 191 1969
191 Abgar Renault
191 Niomar Moniz Sodré
- 195 1970
- 197 1971
- 199 1972
- 201 1973
201 Filmagem com Fernando Sabino

203	1974
207	1975
208	Fim do <i>Correio da Manhã</i>
210	Murilo Mendes e Cristo
211	1976
213	Tempo de colégio
215	1977
215	A ilusão dos pecúlios
216	Rosário Fusco
217	Cartas do Velho
221	Apêndice: Uma carta de Luís Carlos Prestes
225	Posfácio <i>Testemunha e personagem,</i> HUMBERTO WERNECK
243	Leituras recomendadas
245	Cronologia
251	Índice onomástico

O OBSERVADOR NO ESCRITÓRIO

Durante anos, como tanta gente, mantive um diário e, como tanta gente, acabei por abandoná-lo. Ao lado de anotações pessoais, registrava nele, com frequência irregular, fatos políticos e literários que me interessassem. Uma seleção desses registros foi publicada no Jornal do Brasil, em 1980-1981. Reunindo-os em livro, acrescentei-lhes outros, até agora inéditos. Se os leitores encontrarem nestas páginas o eco de um tempo abolido, terei resgatado a minha nostalgia e fornecido matéria para conversa de pessoas velhas e novas.

C. D. A.

O OBSERVADOR NO ESCRITÓRIO

Por que se escrevem diários? Por que notadamente os escritores gostam de escrevê-los, dissipando o tempo que deveria ser consagrado a viver ou a produzir escritos públicos? Admite-se que o político e, de modo geral, o homem de ação se empenhem em manter registro continuado de fatos e conversações que possam justificá-los no futuro, se tiverem em conta o julgamento histórico.

Neste caso, o diário valerá como documento de arquivo. Mas o escritor não precisa justificar-se, a não ser pela obra. Ninguém o obriga à anotação íntima, a esse mirar-se no espelho do presente. Então, se escreve o diário, há de ser por força de motivação psicológica obscura, inerente à condição de escritor, alheia à noção de utilidade profissional.

Não pensei nisto, anos a fio, ao encher cadernos com anotações sobre o meu dia a dia, que jamais pretendi viessem a ter importância documental, como não têm. O impulso de escrever para mim mesmo, em caráter autoconfessional, ditou os feixes de palavras que fui acumulando e que um dia... destruí. Mas a própria destruição tem caprichos. Do conjunto sacrificado salvaram-se algumas páginas que hoje reúno em livro, depois de tê-las, na maior parte, colocado em minha coluna no Caderno B do Jornal do Brasil. Animou-me a ingênua presunção de que possam dar ao leitor um reflexo do tempo vivido de 1943 a 1977, menos por mim do que pelas pessoas em volta, fazendo lembrar coisas literárias e políticas daquele Brasil sacudido por ventos contrários.

Fui, talvez, observador no escritório.

C. D. A.

*Mai*o, 15 — Paulo Mendes Campos, mineiro de 21 anos, poeta dotado de senso crítico, muito generoso para comigo, esboça em carta restrições a um poema que publiquei ultimamente: “Espero sua compreensão para este pequeno desabafo. Não é cabotismo”. Compreendi e gostei. Tantos elogios de amigos, em volta, ameaçavam comprometer meu autojulgamento. Os ataques que me vinham — que me vêm sempre — eram todos do lado de lá, o lado dos conservadores e reacionários, que não me interessa. Restrições partidas do lado de cá, de gente amiga e independente, alertam o espírito e impõem mais rigor.

Junho, 3 — Visita a Murilo Mendes, doente. O casarão tem aparência de sanatório (é a proprietária que o lembra). Fica entre árvores de um jardim malcuidado mas acolhedor. Largas escadas, grandes janelas e portas, muito silêncio. A velha dona da casa recebe-me com reserva, e só depois de minucioso interrogatório, metade em francês metade em português, é que me aponta o caminho: “No fundo do corredor, a porta com o retrato de Mozart...”.

Murilo de pijama, andando pelo quarto, com o abatimento natural à doença, em que eu procuro não reparar, com o pudor ou a timidez que quase me faz pedir desculpas ao doente por visitá-lo no momento de sua inferioridade física. Disseram-me que estava liquidado, mas essa minha maneira de visitar os enfermos não me permite verificação a fundo, tão cruel mesmo quando motivada pelo interesse da amizade, e que outros fazem naturalmente.

Dou-lhe um papel a assinar — a decisão do concurso de poesia estudantil de guerra, de que somos julgadores, e procuro falar-lhe, sem muito jeito, de coisas alheias à doença. Mas a doença está no quarto, entrando aqui e ali na conversa, por mais que eu a ignorasse. Murilo diz-me que as visitas lhe fazem um

grande bem. Precisa de companhia, de contatos, pergunta se tenho feito versos, anima-se quando lhe digo que o julho sempre participante da vida, integrado nela, e que isso aconteceria mesmo que o trancassem incomunicável numa prisão.

Junho, 7 — Artigo de Bernanos em *O Jornal*. Sempre corajoso, de uma coragem feroz, que me impressiona. Mas também certa falta de nexos, começando por uma ideia ou um motivo que logo se perde, já que o autor se compraz em seguir diferentes atalhos saídos da estrada principal. Estrada e atalhos, porém, riscados no mesmo solo, de uma patética e desesperante monotonia: sempre a derrota e a humilhação da França, proclamadas com irritação, sarcasmo e desprezo pelos partidários de Vichy. Um obcecado. Sua vida gira em torno de um único pensamento, ou antes, de um único sentimento, de amargura incurável. A ressurreição da França virá curar-lhe ferida tão funda?

No artigo de domingo, cita o testemunho de um oficial francês, vítima dos colaboracionistas: “A alimentação que me deram era igual à dos indígenas...”. Na prisão, dormia numa “esteira imunda, sobre a qual gerações inteiras de indígenas tinham vivido como eles vivem...”. O sentimento de casta, de raça superior, reponta a cada momento na confissão desse oficial que se dispõe a combater o mito racial do nazismo. Em nenhuma parte do artigo Bernanos dá a perceber que essa linguagem o surpreende ou pelo menos o molesta.

Julho, 19 — Reunião de diretoria da Associação Brasileira de Escritores, na redação da *Revista do Brasil* (edifício dos Diários Associados). Presentes Otávio Tarquínio de Sousa, Astrojildo Pereira, José Lins do Rego, Dinah Silveira de Queiroz, Álvaro Lins, Marques Rebelo, Francisco de Assis Barbosa (de passagem pelo Rio) e eu. Continua o exame da questão de como cobrar direitos autorais. Nada resolvido. José Lins faz piadas, e não é preciso muito para que todos riam. É desses que são engraçados por si mesmos, sem esforço. A conversa deriva para